

RELAÇÕES DE GÊNERO, DITADURA CIVIL-MILITAR E ENVELHECIMENTO: MEMÓRIAS DE UMA GUERRILHEIRA

GENDER RELATIONS, CIVIL-MILITARY DICTATORSHIP AND AGING: MEMORIES OF A GUERRILLA FIGHTER

Recebido em: 30/05/2024

Reenviado em: 16/10/2024

Aceito em: 20/10/2024

Publicado em: 12/12/2024

Eloísa Pereira Barroso¹ 
Universidade de Brasília

Clerismar Aparecido Longo² 
Universidade de Brasília

Resumo: Este estudo analisa a identidade narrativa de uma mulher guerrilheira idosa posta em atos de fala. O objetivo é pensar os processos de envelhecimento e as identidades das mulheres guerrilheiras velhas na contemporaneidade. Por meio da história oral entendemos a necessidade de uma escuta na qual os atos de falas revelados na voz da nossa narradora façam com que imaginários e representações em que se alicerçam a compreensão e a identidade da mulher velha combinem um discurso reivindicador que transforma o processo de envelhecimento contemporâneo em uma experiência polifônica. A análise procura estabelecer de forma relacional as suas condições de vida e de outras guerrilheiras na contemporaneidade. A partir das condições de vida, suas histórias e as histórias de outras, por meio dos comportamentos assumidos, das aspirações, sintetizam elementos heterogêneos da condição de ser mulher e expõe as contradições identitárias que formulam trajetórias sociais diversas, circunscritas a redes complexas de relações sociais, nas quais a durabilidade da vida reinventa os corpos femininos e reinscreve personagens e identidades contraditórias, mas que se complementam em recomposições contínuas de diferentes identidades, diversas temporalidades em um corpo que se reencontra com suas experiências.

Palavras-chave: Gênero; História Oral; Envelhecimento; Ditadura, Memória.

Abstract: This study analyzes the narrative identity of an elderly guerrilla woman put into speech acts. The objective is to think about the aging processes and the identities of old guerrilla women in contemporary times. Through oral history we understand the need for listening in which the speech acts revealed in the voice of our narrator make the imaginaries and representations on which the understanding and identity of the old woman are based combine a claiming discourse that transforms the process of contemporary aging in a polyphonic experience. The analysis seeks to establish in a relational way the living conditions of her and other guerrillas in contemporary times. Based on their living conditions, their stories and the stories of others, through assumed behaviors and aspirations, they synthesize heterogeneous elements of the condition of being a woman and expose the identity contradictions that formulate diverse social trajectories, limited to complex networks of social relations, in which the durability of life reinvents female bodies and reinscribes contradictory characters and identities, but which complement each other in continuous recompositions of different identities, different temporalities in a body that is reunited with its experiences.

Keyword: Gender; Oral History; Aging; Dictatorship; Memory.

¹ Professora Associada do Departamento de Análise Crítica e Histórica da Arquitetura e do Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (ACR-EAUFMG).

E-mail: danielecaetano@ufmg.br

²Discente do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília. E-mail: kalungascleris@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nesse sentido, entendemos que a memória é reconstrução e representação do vivido que se dá no tempo em que o passado é evocado, e dado o caráter seletivo da memória (HALBWACHS, 2013), o/a sujeito/a narrador/a, quando interpelado/a, rememora aquilo que foi significativo para ele/a, aquilo que, de alguma forma, o/a marcou em sua vida. Por esse viés, para Ecléa Bosi (1994), “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideais às experiências de outrora no tempo de sua evocação, mesmo porque entre o tempo do vivido e o da lembrança, as/os interlocutoras/es já não são as/os mesmas/os de outrora, assim como a realidade e os valores contemporâneos ao tempo do vivido já não são exatamente os mesmos do tempo da rememoração” (BOSI, 1994, p. 17).

Por meio de seus relatos procuramos compreender como nos processos de envelhecimento das mulheres guerrilheiras, as memórias de quem foram no enfrentamento da Ditadura reverberam nas suas escolhas e atuações frente ao ato de envelhecer em um contexto específico, marcado pela emergência da pandemia da Covid-19.

Ana Maria foi membra de um braço do grupo de resistência da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), atuante no eixo Rio-Brasília. A VAR-Palmares foi uma organização brasileira que participou como organização de resistência que organizou a luta armada no espaço urbano durante o período ditatorial. Esta organização tinha enquanto missão a restauração da democracia. Durante a ditadura o processo de resistência contou com a participação ativa de muitas mulheres, de diferentes formas.

Mesmo que a maioria das ações de resistência tenham sido organizadas por homens, as mulheres, dentre elas Ana Maria, que estiveram presentes no movimento estudantil, nos partidos, nas organizações clandestinas, desafiaram o sistema patriarcal e o machismo da sociedade brasileira. Ao tomarem parte da luta armada romperam com os papéis tradicionalmente a elas designados. Consideradas transgressoras porque ousaram contrariar a ordem estabelecida pela sociedade à época ao não ratificarem a maternidade e o matrimônio como destino inexorável, imprimiram outros significados para a condição feminina. As mulheres guerrilheiras ocuparam o espaço público e disputaram politicamente com os homens o espaço político nos processos de resistência. No contexto brasileiro, pós-ditadura, os relatos, os testemunhos, se configuram como as possibilidades de narração, divisão e inscrição da experiência nas lutas por democracia por parte das mulheres.

São nestes relatos, como os de Ana Maria, que a vida das mulheres se ressignificam nos tempos do agora, neles o passado emerge apoiado em outros lugares e tempos de enunciação.

Nas lutas do presente se reporta ao vivido na ditadura. O tempo histórico é recuperado como forma de recuperar no substrato do passado comportamentos e ações que ainda habitam o presente. As mulheres não se desvencilharam de suas trajetórias lhes interessam pensar suas experiências no contexto atual a partir das memórias de seus atos que inscreveram em seus corpos e memórias a vontade de resistência.

Uma resistência que está muito além daquela efetivada frente à repressão, elas também se opuseram à concepção da ideia de um gênero incapaz. Nos espaços das organizações elas se formaram politicamente, tanto no debate, como na ação, construíram elaborações simbólicas, as quais hoje, além de possibilitar um contar(se) ou recontar(se) de suas histórias, as subsidiam na tomada de posições diante das situações impostas pelas contingências da vida, seja no âmbito do público, seja no âmbito do privado.

As atuações de Ana Maria são construídas, a partir de uma re-montagem de suas, identidades, por meio de processos de rememoração incansável de quem foi, ou de quem poderia ter sido, esta mulher reconstrói as lembranças de suas identidades pendulares como mulher guerrilheira.

HISTÓRIA E MEMÓRIA: SUBJETIVIDADES IRRUPTIVAS NOS PROCESSOS DE ENVELHECIMENTO

Após a superação pelas ciências sociais da prioridade dada às pesquisas que tinham como objeto de pesquisa as fontes produzidas que envolviam análises do coletivo e das grandes estruturas, o século XX retomou a importância do sujeito na história. A guinada subjetiva, conforme analisa Beatriz Sarlo (2007), produziu deslocamentos importantes, pois ao invés de somente as organizações, as camadas sociais e partidos, a experiência individual também (re)insurgiu no cenário científico como fonte pertinente. Assim os relatos de experiências individuais foram colocados no campo historiográfico, principalmente por meio da História Oral. Mais do que uma metodologia, a História Oral restituiu a “confiança nessa primeira pessoa que narra sua vida para conservar uma lembrança ou reparar uma identidade machucada” (SARLO, 2007, p. 17).

Considerando o século XX como um século que experimentou experiências traumáticas ocasionadas por guerras, ditaduras, extermínios, recuperar o sujeito e suas subjetividades expressas por relatos pessoais foi que proporcionou a possibilidade da escrita da história, através das lentes dos sujeitos históricos pertencentes aos grupos marginalizados e silenciados. É por meio destas vozes, que relatam em primeira pessoa que homens e, especialmente as

mulheres, antes silenciados, passam agora a condição de protagonistas e porta-vozes de uma memória disruptiva sobre a ditadura militar no Brasil. As mulheres, tal como Ana Maria são as testemunhas, e também sobreviventes, que produzem seus relatos a fim de assegurar que os traumas aos quais foram submetidas não sejam esquecidos.

Nos movimentos de ir e vir sua voz retoma a guerrilheira em uma temporalidade alocada em um futuro do pretérito, no qual, a partir de um horizonte de expectativas, retoma significados que tornam possível lidar com o envelhecimento na contemporaneidade e enfrentar os desafios de uma pandemia que imprimiu a muitos velhos a morte. Lidar com a possibilidade de finitude da vida em virtude de uma política de descaso do poder público, tem lhe imposto um constante rememorar no qual se questiona o que poderia ter sido diferente neste processo de enfrentamento desta situação para que se evitasse a perda do futuro dos que tiveram suas vidas interrompidas?

Diante do exposto a primeira questão colocada para a pesquisa é problematizar a forma como o envelhecimento está sendo apresentado no contexto pós-vacinação, em que a preocupação é entender como estão sendo produzidas as representações sobre o processo de envelhecer no atual momento da pandemia da Covid-19.

Compreender a forma como tratamos e o lugar a que destinamos as representações sobre a velhice a partir de um discurso que por ora se apresenta atravessado por diversas forças, saberes e práticas contemporâneas que determinam os corpos em processo de envelhecimento é que as seguintes questões se colocam:

- Neste momento da pandemia, a qual racionalidade estão subsumidos os velhos, quais os atravessamentos de sentidos produzem a percepção do ato de viver como um ato de resistir?
- O envelhecimento está sendo percebido em um processo contínuo de perdas cognitivas, físicas, motoras e sociais, caracterizado pela passagem da independência à dependência, da produtividade à improdutividade, da criação à degeneração, do cuidado ao abandono?
- Ou o corpo em processo de envelhecimento foi reposicionado em outras representações, situadas para além desta racionalização social que subordina os indivíduos velhos neste momento em que experimentamos uma retomada a uma pseudo-normalidade?

O envelhecimento, enquanto fenômeno social é dotado de uma complexidade, na qual se coloca um conjunto de determinantes de ordem subjetiva, biológica, econômica, social, política e ideológica. Tais determinantes estão correlacionados aos dispositivos de forças

engendrados no tempo e no espaço de maneira a constituir imaginários e representações sobre os corpos em processo de envelhecimento. Assim, apontar os jogos de forças e relações de poder que circundam as questões do envelhecimento neste momento da pandemia pode contribuir para a desnaturalização do envelhecimento como uma situação de risco iminente de morte. A representação sobre a velhice constituída na pandemia corrobora com a imposição de uma concepção em que, naquele momento, era perigoso ser velho.

No cenário sanitário atual, embora seja necessário considerar as questões de saúde, é preciso nos atentar para a necessidade de reposicionarmos a imagem da velhice, de maneira que seja possível desconstruir as práticas discursivas que engendram relações de poder e formações de saber em torno da compreensão do envelhecer que legitimam uma conspiração silenciosa de determinar aos velhos um não lugar social.

Nessa ordem de pensamento, é preciso questionar os valores postos pelas representações, de modo que seja possível perceber as relações de forças produtoras dos discursos que ratificam uma determinada representação e não outras possíveis sobre o ser velho. Isso exige que se abandone uma postura que aceita os valores estabelecidos e os justifica, mas trata-se, pois, de problematizá-los. A proposta aqui é contrária ao processo coerente com a lógica da secularização da velhice, que agora é reafirmada na vivência da pandemia em que, constantemente, se assiste uma dessacralização do corpo velho.

Portanto problematizar a forma como o idoso é tratado e como os processos de envelhecimento são percebidos, implica, no momento atual em reconsiderar o lugar que destinamos aos velhos. Neste sentido é que reconhecemos a velhice como lugar privilegiado de testemunho e de experiência narrativa desta possibilidade de interpretação, pois acredito que mais do que tratar o envelhecimento como doença, ou como um mal a ser vivido, percebo que o reposicionamento das experiências de quem envelhece pode permitir emergir uma posição que desconstrua a aversão de se tornar velho. O velho não precisa ser sempre o outro, a velhice pode ser percebida para além de uma perspectiva da privação, na medida em que compreender que a existência dos indivíduos não está concentrada somente na permanência da juventude.

A partir do acolhimento desta possibilidade de se conhecer os processos de envelhecimentos nos quais os idosos se reconhecem é possível colher evidências que mostram as articulações e rupturas engendradas com as problematizações constituídas a partir das conexões existentes entre memória e experiência e sua relação com o campo dos estudos históricos sobre os processos de envelhecimento.

Assim, a nossa narradora Ana Maria Modesto, na continuidade dos seus testemunhos nos relata suas experiências vividas neste período por meio de suas memórias. Ao longo da fala, as lembranças vão e vem perfazendo caminhos em que passado e presente se encontram de modo que durante a nossa conversa em 02 horas, na qual desfilaram no tempo e no espaço vivências nas quais as lutas cotidianas pela consolidação das instituições democráticas se misturam com o cotidiano de outrora. Após o primeiro momento da vacina e mesmo no relato anterior, quando ainda não havia vacina, ou a vacina ainda era um bem escasso Ana reafirma em sua fala a necessidade da luta pelo fortalecimento das instituições. Filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), hoje o seu projeto é “dar adeus a esta política de exaltação da morte”. A escolha dessa narradora deve-se ao fato de que desde 2013 figura como uma das narradoras de um projeto de pesquisa sobre a guerrilha urbana no eixo Brasília/Goiânia que desenvolvo no âmbito da Universidade de Brasília (UnB). Ana Maria como militante da organização Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), foi presa, mas não sofreu tortura física. As conversas feitas com essa narradora em sua casa com duração de duas horas cada uma delas, foram iniciadas tratando sobre a temática política, envelhecimento e pandemia. Não foi estabelecido um roteiro prévio. No decorrer do depoimento, a fala foi perpassada quase que exclusivamente pela necessidade de o país se organizar politicamente. Cada entrevista neste projeto de pesquisa tem se revelado importante, pois a cada narrativa, Ana Maria revive suas experiências por meio de suas memórias que se refletem no tempo de agora.

A relação entre história e memória, nos coloca a possibilidade de outras evidências históricas, para além dos documentos formais, os jornais e as memórias escritas, dessa maneira as experiências invisibilizadas são passíveis de ser recuperadas, e se constituem enquanto possibilidade de análise para pesquisador, pois são também vestígios, o que não quer dizer que não se deve não reconhecer as imagens do passado que são conservadas e transmitidas não só pela experiência, mas também pelas construções culturais administradas e midiáticas por uma perspectiva predominantemente ideológica. Assim, tanto a história pode subverter a memória, quanto a memória pode subverter a história, portanto o trabalho com história oral aqui não prima pela hierarquização de uma fonte, nem abarca uma interpretação destituída dos possíveis conflitos postos na narrativa quando dialogo com outras fontes sobre os fatos narrados, pois acredito que a História Oral não busca uma verdade, não é pressuposto dela instituir uma narrativa completa e verdadeira de um determinado acontecimento. O que buscamos aqui é o registro da experiência e a produção de uma nova documentação sobre o processo de envelhecer através de uma outra fonte. Embora o conhecer o passado seja fundamental, o que nos interessa

aqui é a forma como a memória é construída e reconstruída como parte da consciência contemporânea sobre o envelhecimento experimentado pela nossa narradora.

Pelo que eu me lembro durante toda a minha vida eu não vi os velhos aparecerem tanto na mídia. Hoje todo dia se fala do velho na globo, nos jornais... A vacina foi importantíssima. Depois da terceira dose a minha vida mudou! Eu podia finalmente sair sem medo, mas uma coisa foi importante, o governo teve que nos olhar. A gente tava morrendo, ele teve que criar uma política da vacina, acho que pela primeira vez fomos prioridade, claro que eu não sou boba, ainda falta muita coisa, né? Mas acho que temos que continuar lutando para que sejamos priorizados, que sejamos vistos, né? Não só quando a gente vive a ameaça de ser exterminado por essa doença terrível, cada dia me convenço que tenho que continuar a minha luta, minha não de todos, tenho que fazer campanha mesmo, mudar de presidente, sair dessa extrema direita, se esta política não mudar, aí não vai ter jeito mesmo, vai ser difícil, mas não vou desistir, eu nunca desisti, desde a ditadura eu tô lutando para a democracia não morrer, eu só acredito na democracia. (Informação Verbal)

Se Segundo Marilena Chauí (1994, p. 18), em nossa sociedade ser velho é lutar para continuar sendo homem, “é sobreviver” (CHAUÍ *apud* BOSI, 1979, p. 18) pode se afirmar que as narrações dos velhos mantêm vivas essas lembranças intrínsecas que se reverberam no modo de ver e pensar a velhice na contemporaneidade, principalmente nos tempos de pandemia, segundo a narradora, a mesma pandemia que obrigou os velhos a se isolarem, foi a que os tornaram visíveis ao Estado, foi um dos poucos momentos em que se priorizou este grupo em uma política pública. Assim ouvir as palavras de Ana é conservar experiências de maneira a se continuar atuando no presente, pois como ela mesma alerta “*a gente tem que mostrar o que nós queremos, nós estamos vivos, nós pensamos, nós produzimos, de forma diferente dos jovens, mas a gente é parte desse país*” (Informação Verbal). Dessa forma por meio dos registros dos atos de fala é possível negar esta sobrevivência sem projeto da qual fala Chauí, pois ela reafirma a noção de pertencimento calcada em sua identidade enquanto mulher velha, mas que não abdica da mulher guerrilheira que “*desde a ditadura eu tô lutando para a democracia não morrer, eu só acredito na democracia*”. (Informação Verbal).

Quando narra as suas lembranças, Ana enfrenta a consciência do mundo e os impedimentos de se pronunciar mediante suas lembranças, as quais oscilam entre mesmo sofrendo as adversidades de um corpo que envelhece, a memória por meio da história oral, cada vez mais viva, ressignifica uma velhice da mulher que não existe como inatividade e sobrevivência sem projeto.

Mulher tem que ir pra rua, nós fomos quando era mais difícil a mulher ir, imagina agora que a gente pode ir sem ser escondido?... E continuam esses grupos... são eles que me dão esperança, que me deixam sonhar ainda, porque tá difícil, não tá fácil não.

Tem esses grupos que me alimentam na política, que me alimentam muito.
(Informação Verbal)

Neste fragmento do relato de Ana é possível extrair algumas considerações sobre gênero e o espaço atribuído à mulher na política. Segundo Ferreira (1996) “a diferenciação entre os sexos está na base do processo classificatório que organiza a sociedade, ao mesmo tempo em que é ela própria construída pela cultura” (FERREIRA, 1996, p. 51). No relato há uma percepção clara da diferença de distribuição simbólica própria das relações assimétricas de gênero expressa na fala “*Mulher tem que ir pra rua, nós fomos quando era mais difícil a mulher ir*” (informação Verbal). Ainda que estivessem nas organizações, as mulheres brasileiras não encontravam as mesmas facilidades que os homens para ocuparem esses espaços. Para as organizações, a mulher por ser dotada de algumas faculdades inerentes ao corpo feminino, como a fragilidade, a maternidade, não possuía as características necessárias de força física e de combate para as ações de resistência à ditadura. Para as famílias, o destino da mulher estava entrelaçado às contingências da vida privada. Portanto, nesse contexto, sair para a guerrilha foi um ato de transgressão.

A fala de Ana nos revela como o discurso sexista evoca na natureza dos corpos a explicação das dificuldades enfrentadas pelas mulheres na afirmação de suas identidades de gênero nos espaços público e privado. Assim a diferença sexual aparece como a responsável para um tratamento diferenciado dado as mulheres tanto na inserção nos movimentos de resistência à ditadura, como também é diferenciado no campo social e político nas resistências às políticas do governo federal à época. Essa essencialização dos corpos acaba por naturalizar as desigualdades de gênero. Disso decorre a questão das mulheres ainda aceitarem e compreenderem a sua exclusão do espaço público no exercício da política (BUTLER, 2003).

GÊNERO, DITADURA E ENVELHECIMENTO: REMINISCÊNCIAS SOBRE RESISTÊNCIAS POSSÍVEIS

As mulheres ao longo da história têm sido vistas como sujeitos secundários. Suas ações não receberam a mesma proeminência e visibilidade masculinas. No campo da política, esta questão, que também é percebida por Ana, que conclama as mulheres a ocuparem as ruas, é mais acirrada, pois ainda está subentendido que os rumos de uma nação, são dos homens. No relato de Ana pode se perceber que o protagonismo feminino memorado, nos informa o quanto as mulheres tiveram um papel importante, não apenas no processo de retorno à

democracia, mas, também no rompimento de padrões já estabelecidos que as colocavam escondidas nas lutas políticas engendradas pelas organizações.

As memórias subterrâneas de nossa narradora, além de imprimir significados sobre a importância da mulher nos processos de resistência, elas apresentam reflexões sobre a atuação política do corpo velho ameaçado pela necropolítica. Conforme compreendida por Achille Mbembe (2018) é a necropolítica que define que os limites da soberania consistem em matar ou deixar viver, essa compreensão está posta na narrativa de Ana quando ela diz que: *são mais de 200 mil mortos e parece que as pessoas não ligam, como uma doença tão terrível pode ser enfrentada com este descaso. Isso é o que mais dói... (Informação Verbal).*

Para Mbembe (2018), na contemporaneidade a soberania exerce controle sobre a mortalidade e define a vida como a implantação e manifestação de poder. Por meio dos seus escritos o autor reflete sobre o lugar destinado à vida, à morte e ao corpo humano neste exercício da política como a forma de alcançar a soberania.

A resistência a necropolítica a qual se refere a narradora do Governo Federal à época está repleta de reminiscências sobre as resistências desenvolvidas no período da luta armada no contexto ditatorial. Um período em que sua identidade como guerrilheira forjou sua consciência política, hoje acionada como instrumento capaz de forjar conforme Napolitano (2015) uma memória crítica, haja vista a classe média escolarizada e os movimentos sociais terem, naquele momento, se tornado os grandes protagonistas na construção de uma memória crítica ao regime, ajudando a desgastá-lo e a deslegitimá-lo perante a opinião pública.

Parece que a democracia de verdade não chega, sempre tem um golpe e mais golpe! Mas história é assim! É luta é sonho! Então vou sonhar junto com muita gente, como muita gente sonha também, [para] que mude tudo isso porque esse desgoverno... gente, eu não tenho nem coragem de falar o nome da pessoa. São mais de 200 mil mortos e parece que as pessoas não ligam, como uma doença tão terrível pode ser enfrentada com este descaso. Isso é o que mais dói... nem vou falar do desemprego, da possibilidade da ditadura... Porque isso deixa a gente pra baixo! Imagina reviver aquele horror daqueles anos, viver com medo, fugindo, não sabendo se você vai ser pega ou não? As pessoas não sabem o que é você enfrentar uma ditadura! Elas não sabem mesmo! Você não poder falar, ser perseguido e quando a gente é ameaçada de ser torturada, quando te pressionam para entregar seu amigo? É muito triste, é muito duro e muito assustador pensar na possibilidade de reviver a ditadura e algumas ações desse desgoverno tem me levado a pensar nessa situação absurda de a gente poder ser um país com ditadura. Isso me assusta muito. (Informação Verbal)

O relato além de reverberar a importância dos idosos se fortalecerem no plano político e no exercício ativo da cidadania, na medida em que é pela mobilização dos recursos políticos que são assegurados os canais de participação para se exigir a adequada gestão dos recursos e

serviços oferecidos aos velhos. A fala ainda retoma a importância de desconstrução de uma memória hegemônica sobre a ditadura que reafirme por meio de atos discursivos qualquer positividade do regime. Pois como afirma Bosi:

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituíam autênticas ressurreições do passado (BOSI, 1994, p. 48).

Os discursos sobre a ditadura militar não são de todo homogêneos, eles se transmutam para atender as demandas que se colocam no tempo e no espaço. Assim, precisamos estar cientes de que, mesmo que, durante o período em que a nossa narradora nos concedeu esta entrevista, as vozes favoráveis à ditadura encontravam apoio significativo da sociedade brasileira, porém essas narrativas memoriais não eram as únicas. Mesmo estando acudados, outros tantos brasileiros produziam memórias semelhantes às de Ana Maria. A batalha pela memória da ditadura – ou por sua hegemonia seja pelos simpatizantes do regime, seja por aqueles que o repudiam – sempre foi uma realidade; ainda que as memórias a depender do contexto social, político permanecessem subterrâneas, elas estão sempre à espreita.

Se consideramos que a memória é sempre uma relação entre passado e presente, ao relatar fatos passados, as lembranças de Ana carregam vestígios do passado, a luta experimentada na guerrilha, agora ainda continua necessária, assim como foi para o reestabelecimento da democracia. Porém a esta luta foi acrescida uma nova roupagem, uma nova forma de entender o presente, dada pelas novas condições do cenário político do país vividas recentemente. O desafio para a nossa narradora é continuar a luta, mudar a política para se manter a democracia. Na sua narrativa, Ana não subestima as relações de poder ainda presentes na sociedade sobre a política e o processo de envelhecer. O seu relato nos oferece uma intensa experiência de não submissão, pois segundo ela “*cada dia me convenço que tenho que continuar a minha luta, tenho que fazer campanha mesmo*” (Informação Verbal). Ao se considerar os jogos de poder e os núcleos de conflitos que se presentifica neste relato percebemos a necessidade de construir novas interpretações, desenvolver novas hipóteses e elaborar novas questões, de forma a refinar os conceitos explicativos e os pressupostos destes.

A importância da inclusão dessa narrativa enquanto fonte para a produção historiográfica sobre gênero, ditadura e envelhecimento é inquestionável. Contudo, é preciso se

atentar para um fato: os relatos adquirem um caráter de verdade absoluta por serem narrados por um sujeito ocular dos processos e acontecimentos. Embora não se questione a legitimidade dos relatos de nossa narradora, pois ela vivenciou e presenciou diretamente as situações relatadas, é preciso retomar o debate posto sobre a distinção entre memória e história.

Jacques Le Goff (1984) nos ensina que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual e coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1984, p. 46). Isso nos impele a compreender que, conforme o autor, a memória é um discurso sobre o passado, que pode ser individual ou coletivo, da sua construção participam diversos grupos e instituições sociais. Esta ideia da memória enquanto um discurso produzido encontra substrato nas proposições feitas por Pierre Nora (1993) quando este afirma que “a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (NORA, 1993, p. 9).

Assim, a memória pode ser passiva de mudança, pois ela está suscetível às influências do presente, seja pelo peso das memórias hegemônicas fomentadas pelo estado, pelo peso do próprio passado, seja pelas condições políticas, culturais e sociais que determinam a legitimidade dos discursos sobre o passado. Estes, entre outros fatores, podem imprimir sentidos e significados diversos, os quais produzem modificações no conteúdo das memórias.

A história é também um discurso sobre o passado, porém se difere da memória por ter uma pretensão científica. Para Rodrigo Motta (2013), “o historiador deve desconfiar das suas fontes, inquiri-las em busca da verdade” (MOTTA, 2013, p. 62). Pierre Nora (1993), ao comparar memória e história, nos ensina que “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado” (NORA, 1993, p. 07).

Assim a questão colocada na fala da nossa narradora problematiza a forma como o envelhecimento está sendo apresentado recentemente, seja pelas antigas ou novas ciências que surgem interessadas na produção de conhecimentos específicos sobre a velhice, seja pela mídia e sua antiga preocupação em produzir e transmitir a imagem do processo de envelhecimento. Sob a égide de uma experiência reflexiva que aloca significados de um passado experienciado como guerrilheira que lutou contra a ditadura, Ana Maria visita e revisita uma história que se constitui por camadas de memórias forjadas nos substratos dos tempos de agora como testemunha ocular de uma mulher velha que produz um relato que não abandona os

ensinamentos aprendidos na luta política para reestabelecimento da democracia enquanto guerrilheira.

Dessa forma, a narradora coloca em seu relato o desejo por rupturas e permanências, não unicamente no âmbito público, pois quando pensa no seu próprio envelhecimento por meio da ação política, evoca as adversidades enfrentadas também na vida privada devido ao fato de ser mulher. Nessa reinvenção de si percebe-se a contínua interpretação de suas identidades que se sustenta em lembranças de uma história já vivida, a que se vive, a que poderia ter sido vivida e a que poderá vir a ser vivida.

Nessa compreensão das distintas possibilidades de suas experiências o gênero se coloca como uma construção social, cultural e histórica, pois ele é sempre relacional. É na dialogia das relações que tanto as hierarquias como as estratégias de poder territorializam comportamentos das mulheres, no caso deste estudo os comportamentos de Ana. Nessa compreensão dos discursos como práticas sociais, tanto o saber, como poder se interseccionam como categorias sociais usadas por instituições ou especialistas, mas também por sujeitos históricos na produção de subjetividades, das quais se apropriam e compartilham, como afirma Michel Foucault, "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos" (FOUCAULT, 2007, p. 10). O engajamento dialógico discursivo proposto por Ana Maria em seu relato nos permite uma análise tanto da ditadura, do gênero, quanto do envelhecimento.

A reconstrução da própria experiência por meio das memórias de vida a partir de um lugar e temporalidade específica, precisam ser historicizadas. É neste sentido que se justifica a centralidade de aspectos pessoais e subjetivos do relato, Daniel Aarão Reis (2004) nos lembra que mesmo no afã de querer ser sincera, a memória, de modo sorrateiro, ou inconsciente, desliza, se reinventa em virtude de novas interpelações, ou inquietações e vivências, novos achados e ângulos de abordagem.

A emergência destas lembranças de Ana Maria enquanto guerrilheira em detrimento de outras na reflexão sobre o seu envelhecer é consequência das circunstâncias do presente, pois elas são "essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa" (POLLAK, 1989, p. 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como tratamos os processos de envelhecimento, o lugar a que os destinamos e os discursos sobre eles transformaram a velhice em um campo atravessado por diversas forças, saberes e práticas que redefiniram o envelhecer na fase final da pandemia. No caso do relato de Ana Maria suas memórias sobre a sua vivência na guerrilha urbana durante a ditadura definem sua percepção sobre o envelhecer. Se por um lado o envelhecimento é ainda alvo de dispositivos de poder que investem valores negativos sobre o corpo, na pandemia o envelhecer se tornou um problema, pois este corpo não é capaz de conter a doença, mas, por outro, este mesmo corpo exige ações variadas de dispositivos políticos de intervenção na preservação da vida enquanto fenômeno coletivo. A gestão da velhice, além de uma responsabilidade individual, se tornava, naquele momento, também uma responsabilidade do poder público.

Ao entrar em contato com as falas de Ana, percebemos a possibilidade de que novos sentidos sobre a velhice e como as representações sobre o processo de envelhecer estão subsumidos a uma dialética em que se verificam rupturas e permanências de compreensões sobre a temática. Sob os palimpsestos das experiências vividas, em especial para nossa narradora, os sentidos dados ao processo de envelhecimento se misturam a sua luta ininterrupta seja no passado pelo reestabelecimento da democracia no período ditatorial, seja no presente pela necessidade de permanência da mesma. O discurso de Ana está imbuído de uma potência na qual é possível o reencontro com fatos, acontecimentos que permitem reconstruir vivências e experiências do passado com as lentes do presente. Para além de um aprisionamento de sentido, a fala de Ana potencializa as interpretações e outras possibilidades para se compreender a velhice como um ato de resistência, assim como foi para a guerrilheira nos tempos de outrora.

A multiplicidade de memórias presentes no relato de Ana não se resume em apenas situar sua percepção sobre as diferentes possibilidades de suas histórias, na medida em que ele nos permite incluir linhas de abordagem e pontos de vista sobre os fatos ocorridos. O relato se coloca como uma peça que batalha por outras memórias, em especial contra àquelas que tentam destituir a ditadura e as políticas de enfrentamento à pandemia dos significados nefastos que estes dois eventos produziram na sociedade brasileira. As memórias de Ana Maria, apesar de conterem “marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis” (POLLAK, 1992, p. 2), são influenciadas tanto por posicionamentos políticos e ideológicos, quanto pelas conjunturas e demandas do contexto social vivido na contemporaneidade tornando as condições de produção do discurso passíveis de “flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p. 2).

A narração da velhice por Ana se coloca como experiência narrativa, nela se constata a percepção de possibilidades para garantir a gestão da vida pelo idoso, a qual não se dissocia dos processos de luta sempre experimentados na sua trajetória de vida, em especial quando lutou como guerrilheira. Ao narrar a própria história, o passado e o presente transitam juntos o tempo todo é como se esta condição de guardiã de sua história individual e coletiva lhe garantisse um sentido social à medida que passa a se sentir um sujeito político do contexto em que ela vive, os quais tanto no passado, quanto no presente são investidos de significados por meio da narrativa de suas experiências pessoais e coletivas. A narrativa é composta daquilo que foi lembrado e daquilo que é vivido, estas duas temporalidades, passado e presente mantêm um vínculo estreito com a memória. Concordamos com Portelli (1997) quando ele diz que o ato e a arte de lembrar embora pessoais, nunca deixam de ser social quando verbalizada pelas pessoas. Nesse sentido, a História Oral aqui neste artigo se coloca tanto como um esforço de capturar a memória para provocá-la para que novas histórias possam emergir. Isso feito a narrativa de Ana, não se refere exclusivamente a uma biografia individual, mas a todo um processo de produção de subjetividades nos momentos/acontecimentos relatados, no caso deste estudo no tempo da velhice, um tempo atravessado pelas experiências do tempo da jovem guerrilheira.

REFERÊNCIAS

- BALTES, Paul B.; SMITH, Jacqui. Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: a velhice bem-sucedida do idoso jovem aos dilemas da quarta idade. **A Terceira Idade**, v. 17, n. 36, p. 7-31, 2006.
- BARRETO. Maurício Lima. **Admirável mundo velho** – velhice, fantasia e realidade social. São Paulo. Ática, 1992.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo. Editora Brasiliense, 2012.
- BOBBIO, Norbert. **O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro. Editora Campus, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo (SP). Ateliê Editorial, (2003).

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

COLLING, Ana Maria. A ditadura militar e o corpo feminino. *In: Faces e interfaces da violência de gênero*. Goiânia: Editora UFG, 2017. p. 81-98.

FERREIRA, Elizabeth F. Xavier. **Mulheres, militância e memória**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

KALACHE, Alexandre., VERAS, Renato P., & RAMOS, Luiz Roberto. (1987). O envelhecimento da população mundial: um desafio novo. **Revista de Saúde Pública**, v. 21, n. 3, p. 200-210, 1987.

LE GOFF, Jacques. Memória. *In: Enciclopédia Einaudi: Memória – História*. V. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 46.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEIHY, Jose Carlos Sebe B., & Holanda, Fabiola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed.. São Paulo (SP): Contexto, 2013.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. História, Memória e as disputas pela representação do passado recente. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, Unesp, v. 9, n.1, janeiro-junho, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. **Antíteses**, v. 8, n. 15 esp., nov. 2015.

NERI, Anita Liberalesso. (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007a.

NERI, Anita Liberalesso. (Org.). **Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar**. Campinas: Alínea, 2007b.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, vol. 10, dez. 1993, p. 9.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**, São Paulo, n. 14, 1997.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. *In*: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo Siqueira; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **O golpe e a ditadura militar**: 40 anos depois (1964-2004). Bauru: Edusc, 2004.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

TIBURI, M. A ascensão fascista no Brasil. *In*: RUBIM, A. A. C.; TAVARES, M. (org.). **Cultura e política no Brasil atual**. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/05/Cultura-pol%C3%ADtica-no-Brasil-atual-WEB.pdf>. Acesso em: 24 set. 2023.